

Um dom que vem das raízes

Flávio Brasil, 40 anos, nasceu no interior de Goiás, em São João D'aliança, mas cresceu em uma chácara mais distante, a 22km do município. Filho de professora e de pedreiro, adorava ajudar nas tarefas da roça — ordenhar as vacas, apartar os gados e capinar o terreno. O primeiro contato com a música aconteceu por volta dos 8 anos, por meio do avô, que era sanfoneiro e tocava em festas juninas. “Como não tinha escolas de música, aprendi apenas ouvindo a sanfona do meu avô. Quando ganhava de presente de aniversário algum instrumento, como a gaita, ia exercitando.”

Quando começou a frequentar a escola e participar das semanas culturais, mostrava o talento com a música. Por não ter uma base teórica, tocava, mas não entendia de notas musicais. Aprendeu somente aos 12 anos, na igreja católica que frequentava, quando a banda do templo o ensinou um pouco da teoria.

Durante as festas juninas, a paróquia promovia shows de calouros e Flávio foi convidado para ensaiar os participantes. Na época, apenas tocava; soltar a voz, somente em casa. Mas a mãe, que admirava o timbre do filho, o inscreveu, sem que ele soubesse, para cantar no evento da igreja e ele acabou por levar o prêmio de segundo lugar.

Percebendo que levava jeito, Flávio passou a cantar. Ensiava todos os dias, e nos quatro anos seguintes ganhou o prêmio de primeiro lugar em todos os festivais. Foi ali que o garoto percebeu que era exatamente aquilo que queria fazer — cantar. Conciliava os instrumentos com os trabalhos manuais da roça, afinal, o dinheiro que recebia dos eventos em que se apresentava não era suficiente para se sustentar.

Aos 15 anos, se esforçou e juntou dinheiro para comprar um teclado, que era vendido apenas em Brasília. Foi a uma banca de jornal olhar os anúncios de teclados que eram publicados no **Correio**, e, folheando o jornal, viu algo tentador — um anunciante procurava um tecladista. “Fui correndo à minha mãe e disse que talvez eles já tivessem o teclado, então eu poderia trabalhar com o deles e guardar o dinheiro que havia juntado.” A mãe não gostou da proposta, mas, depois do menino

pedir insistentemente para que ela contatasse o anunciante, a mulher fez a ligação.

O anúncio havia sido feito por uma dupla sertaneja, que explicou que tinha, sim, um teclado disponível. Os dois conversaram com a mãe do garoto e decidiram viajar até a cidade do interior para conhecer Flávio. “Eles explicaram que trabalhavam na semana, mas queriam fazer alguns shows sem fins lucrativos no fim de semana. Eu não sabia o que significava essa palavra e achei que eu ganharia muito dinheiro (risos).”

O menino, que estava no último ano do ensino médio, arriscou tudo e viajou para Brasília. A dupla ajudou a comprar um teclado novo e Flávio passou a morar com o tio em Planaltina-DF e a estudar numa escola próxima. “Eu comecei a tocar para várias duplas, grupos de pagode, grupos de rock, tudo que aparecia eu tocava.”

A inspiração do menino, que na época era conhecido como Flavinho dos Teclados, era o cantor Frank Aguiar, a dupla Gino e Geno, Falamansa e todos que tocavam o estilo mais animado do forró e do sertanejo. Quando passou a tocar sozinho nas casas de show, sentiu a necessidade de ter um nome artístico, então um amigo deu a ideia de Flávio Brasil.

“Eu voltava à minha cidade para cantar. Lotava, porque as pessoas ficavam curiosas para saber quem era aquele menino que saiu do interior e já estava fazendo shows.” Flávio se estabeleceu em Planaltina-DF e passou a utilizar as rendas dos shows para investir na própria carreira. Não vivia apenas da música, mas aproveitava os instrumentos que tinha para ganhar dinheiro alugando para outras pessoas.

O nome de Flávio foi impulsionado quando uma das duplas sertanejas com quem ele havia trabalhado gravou uma de suas composições, *Eu vou te buscar*, que estourou no Brasil inteiro. “Vir para Brasília foi enfrentar uma luta, era difícil peitar a cidade grande, menor de idade, sozinho, mas fui em busca do meu sonho.”

Ao longo dos anos, Flávio Brasil evoluiu tanto nos instrumentos, quanto nas músicas e nas composições, firmando a própria carreira. Em junho de 2020, durante a pandemia, com o novo formato de shows, por meio das lives, teve o nome viralizado nas redes sociais quando o cavalo em que estava montado no início do show evadiu do palco com menos de 40 segundos de apresentação, levando o cantor para fora. A live ficou conhecida

como “a live mais rápida da história”.

O cantor ganhou seguidores e fechou muitas parcerias para divulgar marcas em seu perfil no Instagram, mas, infelizmente, meses após a live, sofreu um acidente. Flávio foi colocar fogo em alguns materiais da chácara e não sabia que havia frascos com combustíveis em meio aos entulhos, então a fogueira explodiu e o atingiu, deixando-o com queimaduras de primeiro, segundo e terceiro graus. Para se recuperar, teve que dar uma pausa nos trabalhos e, em consequência, acabou perdendo a oportunidade de algumas parcerias.

Hoje, curado dos ferimentos e seguindo com os trabalhos, acumula 90 mil seguidores no Instagram e continua os trabalhos, viajando o Brasil e realizando shows em cidades dos interiores. “Atualmente, o que mais me inspira a cantar é a alegria de ver sorrisos. Para mim, a música é a minha vida. Primeiramente Deus, depois a música e a minha família.”



Divulgação/Flávio Brasil